



Extratos do Manuscrito do filme  
**IN GIRUM IMUS NOCTE ET  
 CONSUMIMUR IGNI<sup>1</sup>**

Roteiro e direção : Guy Debord (simar films, 1978, 1h45, P/B)

Tradução: Paola Berenstein Jacques

Revisão: Ana Carolina Bierrenbach

Versão completa (traduzida do inglês) em:

<http://www.geocities.com/projetoperiferia4/girum.htm>

Não farei, neste filme, concessão alguma ao público. Muitas excelentes razões justificam essa decisão para mim ; e vou dizê-las. Em primeiro lugar todos sabem que eu nunca fiz qualquer concessão às idéias dominantes da minha época, nem a qualquer um dos poderes existentes.

*Imagem: público atual de uma sala de cinema, olhando fixo em frente, de frente, em um contratempo perfeito, de forma que os espectadores dão de cara com eles mesmos.*

Além disso, qualquer que seja a época, nada de importante foi comunicado em função de um público, nem mesmo para os contemporâneos de Péricles; e, no espelho congelado da tela, os espectadores não vêem hoje nada que lembre os respeitáveis cidadãos de uma democracia.

Eis o essencial: este público tão perfeitamente privado de liberdade, e que tudo suportou, merece menos que qualquer outro ser considerado. Os manipuladores da publicidade, que têm o cinismo tradicional daqueles que sabem que as pessoas são levadas a justificar as afrontas que elas não reagem, anunciam hoje tranquilamente que «quando se ama a vida, se vai ao cinema». Mas esta vida e este cinema são igualmente muito pouco ; e por isso mesmo eles são efetivamente substituídos com indiferença.

*Imagem: Um grade conjunto habitacional de “néo-habitações”. Mulher moderna em sua banheira com seu jovem filho. Travelling para uma cama que orna o mesmo cômodo.*

O público de cinema, que nunca foi muito burguês e que não é mais popular, e doravante quase completamente de uma única classe social, que tem aumentado consideravelmente — a classe dos empregados qualificados das várias ocupações no setor de «serviços», tão necessários ao sistema de produção atual: administração, controle, manutenção, pesquisa, ensino, propaganda, entretenimento, e pseudocrítica. Só para dar uma idéia de quem são eles. É preciso levar em conta, é claro, neste público que ainda vai ao cinema, a mesma espécie, mais nova, que ainda esta na fase de aprendizado destas variadas funções de enquadramento.

*Imagem: Pessoas esperam pacientemente no lado de fora de um cinema. Paisagens de indústrias atuais e seu lixo. Uma loja de roupas com dois jovens clientes.*

Ao realismo e as realizações deste famoso sistema, já se pode conhecer as capacidades pessoais dos agentes que foram formados. Na verdade, estes se enganam sobre tudo, eles podem apenas criar boatos baseados em mentiras. São pobres assalariados que se acham proprietários, ignorantes mistificados que se julgam educados, e mortos que acreditam votar.

*Imagem: fotografia publicitária mostra um casal moderno, no cômodo principal da casa, com seus dois filhos.*

Quão severamente o modo de produção os tem tratado! De progresso em promoções, eles perderam o pouco que tinham e ganharam o que ninguém queria. Eles colecionam pobreza e humilhações de todos os sistemas passados de exploração sem compartilhar das revoltas contra esses sistemas. Eles se assemelham a escravos, porque são agrupados em massa, em habitações lúgubres e insalubres; mal nutridos com comida insípida e poluída; parcamente tratados de suas constantes e recorrentes doenças; debaixo de mesquinha e constante vigilância; e mantidos na ignorância modernizada e nas superstições espetaculares que correspondem ao interesse de seus mestres. Para a conveniência da indústria atual eles são transplantados para longe dos seus bairros ou regiões e concentrados em paisagens novas e hostis. Eles não são nada mais que números em gráficos estatísticos calculados por imbecis.

Eles morrem em série nas auto-estradas, em cada epidemia de gripe, em cada onda de calor, em cada erro daqueles que adulteram seu alimento, em cada inovação técnica lucrativa dos numerosos empresários que fazem a manutenção de seus cenários de gesso. Suas cansativas condições de vida provocam sua degeneração física, intelectual e psicológica. Fala-se com eles como se fala com crianças obedientes, para quem é suficiente dizer : « é preciso », e eles acabam acreditando. Mas acima de tudo eles são tratados como crianças retardadas, forçados a aceitar dezenas de especializações paternalísticas delirantes, improvisadas, que os fazem admitir qualquer coisa ao lhes dizer qualquer negócio, e que hoje diz uma coisa e que amanhã diz o contrário.

*Imagem: Móveis da mesma casa, vista de cima, sem seus habitantes. Danças indígenas do Tahiti, em uma praia.*

Separados uns dos outros pela perda geral de qualquer linguagem capaz de descrever os fatos, uma perda que impede qualquer tipo de diálogo; separados pela sua competição incessante, apressados pelo chicote, no consumo ostentatório do nada, e portanto separados pela inveja mais infundada e eternamente frustrada, eles são separados até mesmo de seus próprios filhos, que eram a única propriedade daqueles que não possuíam nada. O controle destes filhos é tomado deles desde a mais tenra idade — estas crianças já são seus rivais que não escutam mais o que eles dizem, sorriem do fracasso de seus pais; menosprezam com razão sua origem, e se sentem mais como frutos do espetáculo reinante do que dos seus empregados domésticos que os criaram; eles se vêem como mestiços desses escravos. Por trás da fachada de encanto simulado, tanto entre estes casais quanto neles próprios e sua progênitura só há olhares de ódio.

*Imagem: Plano mais próximo do mesmo casal. Plano fechado sobre alguns livros da casa. Grande cama que pode, a princípio, receber duas mulheres ao mesmo tempo. Plano próximo das mesmas crianças. Consumo em um supermercado com seu filho; que empurra um carrinho ainda parcialmente vazio. Casal de empregados em um sofá com um telefone. Plano próximo da criança com o carrinho. Plano fechado da mãe sorrindo.*

Entretanto, estes trabalhadores privilegiados de uma sociedade totalmente mercantilizada diferem de escravos por terem que prover sua própria manutenção. Neste aspecto eles são mais parecidos com servos, porque se dedicam exclusivamente a alguma empresa e dependem do sucesso de seu funcionamento, sem receber retorno algum; e sobretudo porque eles são compelidos a morar e circular

dentro de um único espaço: o mesmo circuito de unidades de habitação, escritórios, auto-estradas, local de férias, e aeroportos sempre idênticos.

*Imagem: Casal recebendo em casa outro casal; seus olhares se evitam. Pessoas viajando de trem. Panorâmica de grande prédio moderno, no centro das torres, uma “caixa de idéias”, para receber elogios.*

(...)

Era em Paris, uma cidade tão bela naquela época, que muitas pessoas optaram por viver pobres naquela cidade do que ricas em qualquer outro lugar.

*Imagem: mapa de Paris no final do século XIX*

Quem poderia, agora que nada mais resta, entender isto, exceto aqueles que se lembram desta glória? Quem mais poderia saber dos cansaços e prazeres que experimentamos naqueles bairros onde tudo ficou tão ruim?

*Imagem: série de fotos aéreas de Paris, em planos fixos ou em travellings*

«Aqui foi a última residência do velho rei de Ou. Agora o capim cresce pacificamente em meio a suas ruínas. Acolá, o vasto palácio do Tsin, outrora tão esplêndido e tão temido. Tudo isso desapareceu para sempre, tudo constantemente escapa, eventos, pessoas - como as ondas incessantes do Yang-tseu-kiang que desaparecem no mar».

Música: Couperin: Concerto real 4

Paris naquele tempo, nos limites de seus vinte bairros, nunca adormecia completamente; e permitia se mudar três vezes de bairro por noite. Seus habitantes ainda não tinham sido colocados para fora e dispersados. Ainda havia ali alguns remanescentes de um povo que havia barricado suas ruas uma dezena de vezes e colocado seus reis para correr. Eles não se contentavam em viver de imagens. Enquanto vivessem em suas próprias cidades, ninguém ousaria fazê-los comer ou beber nenhum tipo de produto que a química de adulteração porventura inventasse.

*Imagem: alguns planos de uma multidão no Boulevard du Crime, reconstituído em “Les enfants du paradis”*

As casas do centro ainda não estavam desertas, ou revendidas para espectadores de cinema que tinham nascido em outros lugares, sob outros telhados aparentes. A mercadoria moderna não tinha ainda demonstrado completamente o que poderia fazer com as ruas. Ninguém tinha sido forçado, por causa dos urbanistas, a dormir em lugares distantes.

Ainda não se tinha visto, por erro do governo, o céu obscurecido e o clima bom desaparecido, e a névoa artificial da poluição cobrindo permanentemente a circulação mecânica das coisas neste vale de desolação. As árvores ainda não haviam morrido sufocadas; e as estrelas ainda não haviam sido apagadas pelo progresso da alienação.

*Imagem: Continuação das fotos aéreas de Paris*

Os mentirosos estavam, como sempre, no poder; mas o desenvolvimento econômico ainda não lhes tinha fornecido os meios para mentir sobre tudo, nem de confirmar suas mentiras falsificando o conteúdo efetivo de toda produção. Teríamos nos surpreendido então de achar impressos ou produzidos em Paris todos os livros escritos depois em cimento e amianto, e todos os edifícios que até então tinham sido construídos em rasos sofismas, como seríamos hoje ao ver ressurgir um Donatello ou um Thucydides.

*Imagem: a manhã no Halles (antigo mercado de Paris)*

Musil, em *O Homem Sem Qualidades*, observa que «há atividades intelectuais onde não são os grandes livros, mas os pequenos tratados, que são motivos de orgulho para o autor. Por exemplo, se

alguém descobrisse que sob determinadas circunstâncias as pedras seriam capazes de falar, seria necessário apenas algumas páginas para descrever e explicar tal fenômeno revolucionário». Assim, me limitarei apenas a algumas palavras para anunciar, a despeito do que os outros possam dizer sobre isto, que Paris já não existe mais. A destruição de Paris é apenas um exemplo notável da doença fatal que está destruindo atualmente todas as grandes cidades, e tal doença é por seu turno apenas mais um entre os numerosos sintomas da decadência material desta sociedade. Mas Paris perdeu mais que qualquer outra. Foi muita sorte ter sido jovem nesta cidade quando, pela última vez, ela brilhou tão intensamente sua chama.

*Imagem: travelling subindo o rio Sena, vista geral da cidade de Paris*

(...)

Não buscamos em livros a fórmula para mudar o mundo, mas sim errando por aí. Foi uma deriva de grandes dias, onde nada se parecia ao dia anterior; e que não parava nunca. Surpreendentes encontros, notáveis obstáculos, grandiosas traições, encantos perigosos, nada faltou nesta busca de um Graal sinistro, que ninguém queria. E então em um dia infeliz o melhor jogador entre nós se perdeu nas florestas de loucura. — Mas não há loucura maior do que a atual organização da vida.

*Imagem: Aurora no mercado da rua dos inocentes (Halles, Paris). História em quadrinhos: “ a aurora revela um castelo impressionante escondido no coração das montanhas. Outro castelo. Castelo do rei Ludwig II da Bavária.*

Se encontramos no final aquilo que procurávamos? Há razão para acreditar que pelo menos o vimos de relance; porque é inegável que do ponto em que nos encontrávamos éramos capazes de compreender a falsa vida à luz da verdadeira, e possuídos de um poder muito estranho de sedução: pois desde então ninguém se aproximou de nós sem desejar nos seguir; e então nós retomamos o segredo de dividir o que estava unido. Não fomos anunciar o que descobrimos na televisão. Não buscamos subsídios da pesquisa científica, nem elogios dos intelectuais dos jornais. Acrescentamos combustível ao fogo. Foi assim que fomos irrevogavelmente inscritos no partido do Diabo, quer dizer deste mal histórico que conduz as condições existentes à sua destruição, neste «lado ruim» que faz história arruinando toda a satisfação estabelecida.

*Imagem: Travelling sobre a água: entrada do porto da Ilha de San Giorgio (Veneza). Contrabandistas e transporte clandestino em um bairro operário de Veneza. Travelling sobre a água em um canal bem estreito de Veneza (barco). O Diabo em Les Visiteurs du Soir, entra no salão principal do castelo: «Oh, que belo fogo! Eu amo o fogo! E ele me ama. Olhe, veja quão afetuosas são as chamas, elas me lambem meus dedos como faria um filhote de cachorro. É agradável... Mas desculpe-me por não ter me apresentado. É verdade que meu nome e meus títulos não representam muito para vocês, eu vim de muito longe. Esquecido em seu próprio país, desconhecido em outros lugares, tal é o destino do viajante».*

Aqueles que ainda não começaram a viver e se resguardam para uma época melhor, e que têm muito medo de envelhecer, não esperam nada menos que um paraíso permanente. Alguns deles o colocam em uma revolução total, outros – muitas vezes os mesmos - em uma promoção de carreira. De qualquer forma eles esperam acessar o que contemplaram na imagem invertida do espetáculo: uma unidade feliz, eternamente presente. Mas aqueles que escolheram golpear com o tempo sabem que o tempo é sua arma e ao mesmo tempo seu mestre; e que eles não podem reclamar. Ele também é o mestre daqueles que não têm arma alguma, e o mestre mais duro. Quando não se quer se classificar na claridade enganosa deste mundo virado de cabeça para baixo, passa-se a ser visto, pelo menos por aqueles que acreditam naquele mundo, como uma lenda controversa, como um fantasma invisível e malévolos, como um perverso Príncipe das Trevas. Que é finalmente um título bom; o sistema das luzes atuais não concede outro mais honrado.

*Imagem: trailer: cenário moderno dos anos 1930, figurantes, cantor ao centro. Cartaz: “breve neste cinema”. Panorâmica sobre a iluminação noturna do Boulevard Saint-Germain (Paris). Fachadas da Ilha Saint-Louis de dia e a noite (Paris).*

(...)

A sensação do transcorrer do tempo sempre foi muito viva para mim, e eu fui atraído por ela, da mesma maneira que outros são fascinados pelo vazio ou pela água. Neste sentido eu amei minha época, que viu se perder toda segurança existente e a dissolução de tudo o que era socialmente ordenado. Estes foram os prazeres que a prática da arte maior jamais me dariam.

*Imagem: foto de Guy Debord com 19 anos. Debord com 25 anos. Aos 27 anos. Aos 31 anos. Aos 45 anos. Quadro do último auto-retrato de Rembrandt.*

Quanto ao que fizemos, como poderíamos avaliar o resultante atual? Atravessamos agora esta paisagem devastada por uma guerra que uma sociedade empreende contra si mesma, contra suas próprias possibilidades. A feiúra de tudo era sem dúvida o preço inevitável do conflito. Foi porque o inimigo foi longe demais com seus erros que começamos a ganhar. A causa mais verdadeira desta guerra, para a qual foram dadas tantas explicações enganadoras, é que ela deveria certamente vir como uma afronta contra a mudança; não lhe restou mais nada além de uma luta entre a conservação e a mudança. Nós éramos, mais que quaisquer outros, as pessoas da mudança, em um momento que mudava. Os donos da sociedade para manter a posição deles, foram obrigados a querer uma mudança que era oposta à nossa. Nós queríamos reconstruir tudo, e eles também, mas em direção diametralmente oposta. O que eles fizeram mostra, em negativo, nosso projeto. Seus imensos trabalhos levaram à corrupção. O ódio à dialética conduziu seus passos para este fosso.

*Imagem: várias torres de prédios enormes que invadem a antiga cidade de Paris. Algumas vistas da “néo-Paris” e de outras paisagens arrasadas pelas necessidades da abundância de mercadorias. Campo de recolhimento de lixo industrial atual.*

Nós devíamos destruir qualquer ilusão de diálogo entre estas perspectivas antagônicas, e tínhamos boas armas para tal; e assim os fatos falariam por si próprios. E eles têm falado.

*Imagem: desembarque de tropas escocesas ao som de gaitas de foles.*

Ficou incontrollável, este solo improdutivo onde novos sofrimentos se disfarçam com o nome de velhos prazeres; e onde as pessoas têm tanto medo. Elas dão voltas a noite e são consumidas pelo fogo. Elas acordam alarmadas e procuram a vida no tato. E o boato que corre diz que aqueles que a expropriam acabam, é o cúmulo, perdidos.

*Imagem: conjunto habitacional*

Eis uma civilização completamente em chamas, emborcando e afundando. Ah! Que belo tiro!

*Imagem: um navio de guerra emborca e afunda.*

E eu, em que me transformei no meio deste desastroso naufrágio, que acredito necessário; para o qual poder-se-ia até mesmo dizer que eu trabalhei, já que é totalmente verdadeiro que eu não trabalhei pra nada mais além disso?

*Imagem: Guy Debord*

O que um poeta do período de T'ang escreveu — «Separando-se de um viajante» — poderia eu utilizar neste momento de minha própria história? «Desmontando de meu cavalo, eu lhe ofereci o vinho do adeus e lhe perguntei o objetivo de sua viagem. Ele me respondeu: ‘não fui bem sucedido nos assuntos deste mundo, assim estou voltando aos montes Nan-Chan em busca de repouso’».

*Imagem: um mexicano passa a cavalo, conduzindo um segundo cavalo que leva sua bagagem, ele desce na direção do rio. Mapa em relevo das montanhas da Auvergne. Casa já vista, agora com neve.*

Mas não, eu posso ver com suficiente clareza que para mim não haverá repouso; em primeiro lugar porque ninguém me deu a honra de pensar que eu não tive sucesso nos assuntos desse mundo. Mas, muito felizmente, ninguém poderia dizer tampouco que eu tive êxito. Pois é preciso se admitir que não houve nem sucesso nem fracasso para Guy Debord, e para suas pretensões megalomaniacas. Já era a aurora deste dia exaustivo que chega ao fim, quando o jovem Marx escreveu a Ruge: «Não diga que eu estimo demais nosso tempo presente; e se porém eu não entro em desespero, é porque sua própria situação desesperadora me enche de esperança». A preparação de uma época para entrar na fria história em nada acalmou, devo dizê-lo, estas paixões, das quais eu apresentei tão belos e tristes exemplos.

*Imagem: travelling sobre a água, do início ao fim de um canal em Veneza.*

Como mostram ainda essas últimas reflexões sobre a violência, não haverá, pra mim, retorno ou reconciliação.

*Imagem: no final do canal, dentro d'água, chega-se a um horizonte*

A sabedoria não chegará.

## Notas

<sup>1</sup> “Mas nada traduz melhor o presente sem saída e sem descanso do que a antiga frase que retorna inteiramente sobre ela mesma, sendo construída letra por letra como um labirinto de onde não se pode sair, assim ela reúne perfeitamente a forma e o conteúdo da perdição: In girum imus nocte et consumir igni. Nós damos voltas na noite e somos consumidos pelo fogo.” (extrato central do filme)

IN GIRUM IMUS NOCTE ET CONSUMIMUR IGNI

1  
10" Je ne ferai, dans ce film, aucune concession au public. Plusieurs excellentes raisons justifient, à mes yeux, une telle conduite ; et je vais les dire.

2.04  
les spectateurs  
↓  
1"

2  
9" Tout d'abord, il est assez notoire que je n'ai nulle part fait de concessions aux idées dominantes de mon époque, ni à aucun des pouvoirs existants.

3  
19" Par ailleurs, quelle que soit l'époque, rien d'important ne s'est communiqué en ménageant un public, fût-il composé des contemporains de Périclès ; et, dans le miroir glacé de l'écran, les spectateurs ne voient présentement rien qui évoque les citoyens respectables d'une démocratie.

4  
35" Voilà bien l'essentiel : ce public si parfaitement privé de liberté, et qui a tout supporté, mérite moins que tout autre d'être ménagé. Les manipulateurs de la publicité, avec le cynisme traditionnel de ceux qui savent que les gens sont portés à justifier les affronts dont ils ne se vengent pas, lui annoncent aujourd'hui tranquillement que "quand on aime la vie, on va au cinéma". Mais cette vie et ce cinéma sont également peu de chose ; et c'est par là qu'ils sont effectivement échangeables avec indifférence.

Le Hachler  
15" (m 30)  
ou 14 1/2"  
↓ 5/306

5/343  
Cédex et  
file dans  
travaux  
travaux  
10"/5"  
= 25" ? / 30?

une employée  
maxim = 36"  
maxim = 21"

172 2<sup>n</sup> Mais non, je vois très distinctement qu'il n'y a pas pour moi de repos ;  
26<sup>n</sup> et d'abord parce que personne ne me fait la grâce de penser que je n'ai pas réussi dans les affaires du monde. Mais, fort heureusement, personne ne pourra dire non plus que j'y ai réussi. Il faut donc admettre qu'il n'y avait pas de succès ou d'échec pour Guy Debord, et ses prétentions démesurées.

Trans-  
Ginacci

173 3<sup>n</sup> C'était déjà l'aube de cette fatigante journée que nous voyons finir,  
22<sup>n</sup> quand le jeune Marx écrivait à Ruge : "Vous ne me direz pas que j'estime trop le temps présent ; et si pourtant je n'en désespère pas, ce n'est qu'en raison de sa propre situation désespérée, qui me remplit d'espoir."

absence  
principe 3<sup>n</sup>

174 L'appareillage d'une époque pour la froide histoire n'a rien apaisé,  
11<sup>n</sup> je dois le dire, de ces passions dont j'ai donné de si beaux et si tristes exemples.

175 2<sup>n</sup> Comme le montrent encore ces dernières réflexions sur la violence,  
9<sup>n</sup> il n'y aura pour moi ni retour, ni réconciliation.

176 2<sup>n</sup>  
3<sup>n</sup> La sagesse ne viendra jamais.

13<sup>n</sup>

sous-titre  
À REPRENDRE  
DEPUIS LE DÉBUT